

Tributo a Zinclar:

Um revolucionário do estado da arte

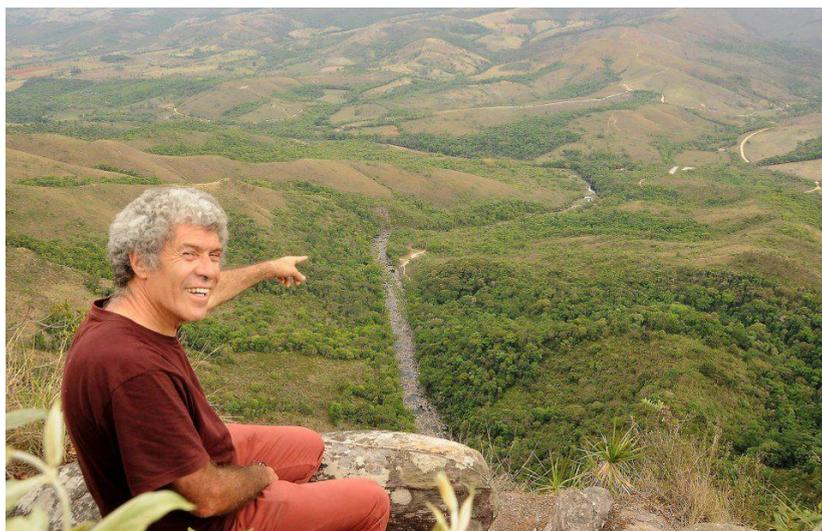
Alzení Tomáz
NECTAS/UNEB

Nenhum estado seria tão fecundo quanto o da arte - das cores, das dores, das alegrias e das formas. De certo, não se contempla um rio sem ver sua agrura ou a solidude de quem contempla um horizonte de sonhos, sem sonho. Todavia não se contempla a forma sem a esperança do sonho. Nenhuma estética seria tão valorosa se não consistisse em crítica reflexiva. O desejo seria incrédulo se não houvesse perspectiva e, nenhuma síntese seria revolucionária se não houvesse movimento. Eram assim, nossos diálogos na caminhada nos Sertões do Velho Chico.

Nenhum artista seria tão artista se não alcançasse o medo e a destreza. João alcançou. Tinha medo de morrer e tinha medo de ser derrotado pelo capital. Mas, como ninguém, sabia enfrentá-lo, apresentou fotos perturbadoras. Mostrou-se pleno na cicatriz ribeirinha, no calo das mãos do rio, nas marcas do olhar... de todos que fotografava. Não era perturbador apenas para o capital, era provocador de nós mesmos. Pois, ao mesmo tempo que fotografou a dor, provocou o movimento e o contemplou. Ao mesmo tempo que fotografou os dissabores os convenceu à ação. Ao mesmo tempo que admirou o horizonte das cores e da forma, criticou a estética dos ímpios. E ao mesmo tempo que fotografou um rio que morre e uma gente que sofre, criticou a estetização da razão cínica e do colapso da inércia de nós mesmos.

João soube provocar. E nos provocou a sonhar, nos provocou a saber admirar e, nos provocou a se movimentar. Sabia que poderíamos ser derrotados com os projetos desenvolvimentistas e garantiu-nos uma estética de coisas graciosas para derrotar o inimigo. Nos proporcionou as cores do rio e das águas, as cores do horizonte e da pele de homens e mulheres de resistência e, nos fez ver e sentir um outro (ser) tão forte com fracos e fracos com gente tão fortes. João tinha muito medo, mas, não se deixou derrotar, andava de ônibus para não morrer nas alturas, tinha o pé no chão... o tempo todo.

O tempo todo sabia que se não andássemos em fileiras jamais, jamais seríamos capazes de vitoriar. Não, ele não morreu com o pé no chão, morreu nas alturas da paisagem dos cerrados e das caatingas e renasceu no horizonte da revolução de suas fotografias. Sabe, o legado maior do João não foi o clique de sua fotografia, seu legado maior foi o emitir do som das fotografias na flauta que tocava depois de um dia trabalho e de luta. João Zinclar é o companheiro que se eterniza no estado da arte da fotografia mais revolucionária que o nosso Sertão já olhou.



João Zinclar (1957-2013)